



# incomum

*revista*

v.3 n.3 | 2022





# incomum

*revista*

v.3 n.3 | 2022

**Instituto Federal de Goiás - IFG**

Campus Aparecida de Goiânia

**Revista do Grupo de Pesquisa em Arte,  
Educação, Profissionalização e  
Comunidades - INCOMUM**

V.3, n.3 2022

ISSN: 2675-7176

<https://revistas.ifg.edu.br/incomum>

## **Editores:**

Alexandre José Guimarães

Roberto Rodrigues

Rousejanny da Silva Ferreira

Tainá Dias de Moraes Barreto

Fotografia de capa: Alexandre Guimarães,  
a partir de intervenção artística na Praça da Liberdade, em  
Belo Horizonte, desenvolvida pelos participantes do colóquio.

Projeto gráfico: Alexandre Guimarães.

Aparecida de Goiânia, Estado de Goiás - Brasil

Outubro de 2022



Indexação:





## COLÓQUIO DE PESQUISA EM ARTES

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Instituto Federal de Goiás - IFG

Programa de Pós-Graduação em Artes - UFMG

Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES/IFG

21 a 23 de junho de 2022

# DOSSIÊ: CORPO DESIGN EXPERIÊNCIAS

Anais do Colóquio de Pesquisa  
em Artes: Corpo Design Experiências

Página do evento:

<http://www.ifg.edu.br/profartes?showall=&start=3>



# Organização do evento

**Dra. Alba Pedreira Vieira**  
Universidade Federal de Viçosa - UFV

**Dr. Alexandre José Guimarães**  
Instituto Federal de Goiás - IFG

**Dra. Lucia Gouvêa Pimentel**  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

**Dr.<sup>a</sup> Valéria Maria Chaves de Figueiredo**  
Universidade Federal de Goiás - UFG

**Juliana Palhares - Apoio**  
Doutoranda do PPG Artes - UFMG

**Cinara Santana - Apoio**  
Discente da Licenciatura em Dança - IFG

**Jenny González Munóz - Apoio**  
Professora Visitante do PPG Artes - UFMG

## Comitê científico

**Dra. Alba Pedreira Vieira**  
Universidade Federal de Viçosa - UFV

**Dr. Alexandre José Guimarães**  
Instituto Federal de Goiás - IFG

**Ma. Bruna D'Carlo Rodrigues de Oliveira Ribeiro**  
PUC Minas Gerais

**Ma. Flávia Borsani Marques**  
Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

**Dr.<sup>a</sup> Leda Maria de Barros Guimarães**  
Universidade Federal de Goiás - UFG

**Dra. Lucia Gouvêa Pimentel**  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

**Dr.<sup>a</sup> Luciana Gomes Ribeiro**  
*Instituto Federal de Goiás - IFG*

**Dr.<sup>a</sup> Valéria Maria Chaves de Figueiredo**  
Universidade Federal de Goiás - UFG



# Apresentação

Experiências com design, educação, arte e somática constituíram o tema do nosso encontro “Colóquio de Pesquisa em Artes - Corpo Design Experiências”, realizado por meio da parceria entre os programas de pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais - PPG Artes e o Instituto Federal de Goiás, por meio do PROFARTES - Mestrado Profissional em Artes. O evento, realizado em Belo Horizonte - Minas Gerais, nos reuniu em torno dos debates sobre as possibilidades de diálogos e desdobramentos pluriepistemológicos e polilógicos no campo da pesquisa em Artes e áreas afins.

Esta nossa publicação é uma aventura acadêmica, artística e colaborativa. Resolvemos transformar em publicação nossa experiência em camadas de afetividade, de encontros e de trocas privilegiadas pelo encontro de dois programas de pós-graduação representados por 4 professor@s de instituições públicas federais de ensino em Goiás e Minas Gerais: Alba Vieira, Alexandre Guimarães, Lucia Pimentel e Valéria Figueiredo.

Com poderoso efeito humanizado, acreditamos na transformação propiciada pela arte e pela educação. Nosso contexto se deu como primeiros encontros pós auge da pandemia pela Covid19, propiciando a arte da presença como lugar de reflexão e discussão. Realizamos, assim, caminhos poéticos e democráticos que serviram como lugar de resistência e existência, ao dar potência às nossas ações criativas.

Nesse sentido, apresentamos um conjunto de 16 resumos expandidos de trabalhos apresentados por estudantes de pós-graduação das duas instituições, durante os dias 21, 22 e 23 de junho de 2023. São abordados temas que articulam artes visuais, música, dança, teatro em interface com a educação; pedagogias da dança; corpo e somática; pesquisa artística; processos criativos em sala de aula; design e educação; audiovisual; videodança; imagem fotográfica; projetos colaborativos; arte e diversidade; formação de professor@s; arte afro-brasileira e arte na educação infantil, dentre outros. Que os trabalhos apresentados neste dossiê sejam uma forte inspiração para aprofundarmos cada vez mais a pesquisa e a área de Artes no Brasil. Boa leitura!

*Comitê Científico*

## (IN)FESTAR DE VAGALUMES: CELEBRAÇÃO Y REVOLTA EM QUANDO QUEBRA QUEIMA

Alana dos Santos Schambakler  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
e-mail: aschambakler@ufmg.br

**Palavras-chave:** levantes; secundaristas; corpo.

O tema dessa pesquisa me desperta muita paixão, “aceitamos o pressuposto de que a paixão não tem lugar na sala de aula.” (hooks, 2013, p.255) para iniciar quero convidar o desejo, o brilho no olho e sorriso no rosto para trabalhar em busca de um horizonte de possíveis transformações.

Nesse trabalho, irei articular o conceito de levantes, a partir do movimento secundarista no estado de São Paulo, convergindo para o espetáculo Quando Quebra Queima da coletiva A ocupação.

Grupo formado por 15 alunes-artistas-militantes que participaram, com milhares de alunes<sup>1i</sup>, do movimento de secundaristas em 2015 e 2016. Ocupando suas escolas, para impedir que fossem fechadas, diante da imposição de um decreto de suposta reorganização escolar do governo do estado. E, em seguida, trabalham seus corpos para expandir no campo da atuação cênica, a experiência vivenciada no movimento.

Mãos, braços que se elevam, bocas que se abrem. Revolta. Levantes emergem em tempos sombrios por um sentido de força vital, desejo. Por elementos desencadeadores e corporalidades que expressam resistência e oposição ao estado de opressão. (Didi-Huberman, 2017).

Cair e levantar, anunciando o delírio de viver e ser livre, a revolução também opera nos encontros, afetos sensíveis, chorosos e risíveis. Ninguém fique se imaginando só. Andorinha só não faz verão. As levantes são coletivas e por aqui as chamamos por As, para contrariar o sistema patriarcal.

<sup>1</sup> Uso de pronome neutro para linguagem inclusiva.

Vocês

estão

aí

i

1

í

i

1

eu-eu

Coletivamente, algo nos habita e não deixa sucumbir ao obscurantismo dos dias.

Nos acendemos faíscas, velas, vagalumes, esperança, pessoas poderiam dizer fé. Quebrar a lenha para queimar e dançar na fogueira, até Jesus era revoltado.

“A partir de agora considero tudo blues, o samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues, o soul é blues, eu sou o exu do blues. Tudo que quando era preto era demônio, e depois virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues. É isso entenda, Jesus é blues. Falei mesmo.” (Bluesman, 2018).

Tem volta. O corpo volta ao corpo, apropria-se de si, num núcleo para transformar, transmutar e criar.

corpo

incorporar

## trajetória

encarnar

coro

movimento



O objetivo geral da pesquisa é investigar como o espetáculo quando quebra queima incorpora aspectos das levantes secundaristas quanto gesto poético y político, de celebração y revolta. Tocando os aspectos de transformação de si no ato performático coletivo. Por horizontalidades, frestas, rupturas da vida social e coletiva, do ensino em comunidade escolar e artística.

O movimento na encenação começa da inquietação dos artistas sentados nas cadeiras escolares em cena. E, quando começam não para mais de mexer, correr, pular, cantar e dançar pelo espaço. Tencionando as fronteiras de centro e periferia, da encenação e do corpo. Brilhando seu brilho, jogando suas luzes em posicionamentos autoritários e enrijecidos. Compreendendo a potência das ações coletivas. Para quem está na margem desse sistema, andar em bando, protege e fortalece, “*Povos-vaga-lumes*, quando se retiram na noite, buscam como podem sua liberdade de movimento, fogem dos projetores do ‘reino’, fazem o impossível para afirmar os seus desejos e dirigi-los a outros.” (Didi-Huberman, 2011, p. 155).

O público também é convocado a sair de seu lugar convencional, não apenas para participar do movimento compondo a cena, mas, também, para acompanhar as vozes da narrativa.

Marcia Strazzacappa no seu texto *A Educação e a Fábrica de Corpos: A Dança na Escola* revisita algumas situações do ambiente escolar em que evidenciam o movimento como moeda de troca por “bom comportamento”, assim como, a imobilidade como punição, “a ausência de atividade corporal também é uma forma de educação: a educação para o não movimento-educação para repressão. Em ambas as situações a educação para o corpo está acontecendo.” (STRAZZACAPPA, Marcia, 2001, p.79).

Na diversidade que compõe a coletivaA, as alegrias da cena, e a escolha política pela leveza, dança e o riso, observamos um caminho para uma cura que aos poucos vem se aproximando. A metodologia dessa pesquisa tem se dado através de entrevista e aproximação com o grupo. “A maneira com um grupo ri coletivamente pode informar mais do que uma entrevista de uma hora.” (TROTТА, Rosyane, 1995, p.14).

O espetáculo quando quebra queima, portanto, é uma dança-luta assim mesmo chamado pela coletivA e opera pelas fronteiras híbridas das artes da cena, deslocando-se em coro, falando em jogral e organizando-se com autonomia. “Pois, em suma, é mesmo de uma luta puramente interior que se trata na última parte do espetáculo.” (ARTAUD, 1999, p.59).

Lutar e dançar, para que as pessoas pretas, pobres, indígenas, lgbtqi+ sigam ocupando ruas, teatros, escolas e universidades. Em exercício da democracia, diversidade e inclusão, na arte e na educação.

## Referências

ARTAUD, Antonin. O teatro e seu duplo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BACO, Exu do Blues. Bluesman. Salvador. Selo 999, 2018. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=82pH37Y0qC8>. Acesso em 31 de julho. 2022

BARBA, Eugênio. Queimar a casa. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CAMPOS, Antonia; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Marcio. Escolas de luta. São Paulo: Veneta, 2016.

CONTRA FILÉ, Coletivo. A batalha do vivo. São Paulo: Playgrounds, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A sobrevivência dos vagalumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. Catálogo da Exposição Levantes. São Paulo: Editora Sesc, 2017.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RAQUEL, Fernanda; SOUZA, Virgínia. Sobre ocupações e deslocamentos ou como organizar a fúria em cena. Periódicos Unicamp 2020. Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8661718/25770>

TROTTA, Rosyane. Paradoxo do teatro de grupo. Programa de Pós-graduação/Universidade do Rio de Janeiro, 1995. Dissertação de Mestrado em Artes.



## ARTE, VIDA, SOMÁTICA E OUTRAS PEDAGOGIAS

Andréia Macêna da Silva  
IFG - Campus Aparecida de Goiânia  
macenagyn@gmail.com

**Palavras-chave:** educação; artes; pedagogia.

Esta pesquisa em fase inicial objetiva conhecer a realidade do trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas de educação infantil, no Município de Aparecida de Goiânia, e suas relações com a dança, música, teatro e outras linguagens artísticas. Meu foco é a formação do professor e sua atuação, bem como o processo de aprendizado e a transdisciplinaridade considerando o currículo e as Artes. Pretendo propor ações que possam contribuir para uma formação integral dos alunos. Essa pesquisa exploratória, bibliográfica e empírica tem como aporte teórico: Dewey (2010), Alba Vieira (2011), Brotto (2014), Beatriz Sousa (2021), e como bibliografia complementar, Piaget, Vygotsky e Wallon.

Faço um retrospecto permeando minhas vivências que antecederam o contato com a disciplina Artes do corpo e práticas pedagógicas, do Mestrado em Arte e Educação (IFG). Surgiram inquietações referentes à minha formação na graduação de Licenciatura em Pedagogia, e a atuação dos demais pedagogos quanto à utilização em suas práticas educacionais de nuances que permeiam as práticas somáticas, e relações com a arte no contexto educacional.

Partindo de um tripé teórico que abarca a educação, Piaget, Vygotsky e Wallon, aliado ao que foi aprendido nas aulas da disciplina, o que fica mais evidente foi essa necessidade em dar continuidade à pesquisa em andamento (BROTTO; SANTOS, 2014) questionando: Que pedagogias são praticadas nas escolas atualmente?

O saber deve ser em sua totalidade, e não o saber para concluir um cronograma predeterminado e superficial, sem as experimentações corporalizadas. O conhecer o corpo e com o corpo por meio da arte e somática faz todo o sentido. “Educação somática, porta para o Reino das Sensações. Nosso fazer-em-dança não é inédito: há décadas, intérpretes e coreógrafos vêm usando os recursos da Educação Somática

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS – IFG e UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG

Colóquio de Pesquisa em Artes: Corpo Design Experiências

Escola de Belas Artes – EBA/UFMG, realizado em 21, 22 e 23 de junho de 2022

Página do evento: <http://www.ifg.edu.br/profartes?showall=&start=2>

como ponto de partida para a criação” (Vieira, 2016, p.33-34).

Ademais, o corpo precisa estar totalmente envolvido no ato educacional:

Essa intimidade vital da ligação não pode ser alcançada quando apenas a mão e os olhos estão implicados. Quando ambos não agem como órgãos do ser total, existe apenas uma sequência mecânica de senso e movimento, como um andar automático (DEWEY, 2010, p.130-131).

Ao compreender que o professor deve ser um eterno provocador, como exposto por Klauss Vianna (2008), tais provocações vão do âmbito da dança aos processos formativos com questionamentos que promovem a busca por escolher estratégias que favoreçam os processos criativos. Essa provocação tende a favorecer a percepção do corpo, do movimento e da aquisição do saber (VIANNA, 2008).

Durante o Colóquio Pesquisa em Artes 2022, ocorrido em Belo Horizonte, com a parceria do Instituto Federal de Goiás/IFG e Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, embora não tenha tido condições de experienciar presencialmente o evento, os meios eletrônicos nos propiciou deliciar com as múltiplas culturas e pluralidades de cada participantes. Esse contexto foi capaz de despertar curiosidades e anseios em conhecer de forma integral pesquisas em andamento e as concluídas que os participantes expuseram na escola de Belas Artes -EBA / UFMG, e também conhecimentos mediados pelas nossas professoras Alba Vieira e Valéria Figueiredo.

A participação de professores e alunos pesquisadores em eventos dessa grandeza favorece uma melhor compreensão do que foi construído ao longo da disciplina, pois os envolvidos detêm um maior engajamento em suas pesquisas e produções, seja por meio da dança de práticas de movimentos, cantigas de roda ou aliando performance e poesia. Refiro-me como ‘performance e poesia’ a apresentação da professora Alba Vieira intitulada Matamba (2022). Tudo isso me motiva a repensar atitudes no que tange à educação.

Por se tratar de uma pesquisa em fase inicial, essas não são considerações finais ou dados a serem apontados, apenas inquietações e reflexões a serem aprofundadas.

## Referências

BROTTO, Karolina; SANTOS, Maria Gisele: **O processo de desenvolvimento motor das crianças**.2014. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd199/o-processo-de-desenvolvimento-motor-da-crianca.htm>. Acesso 11 jun 2022.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. São Paulo: Martins Martins Fontes, 2010.  
SOUZA, Beatriz Adeodato Alves de: **Dança como forma material de pensamento: tessituras entre fazer e saber**.2021. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32729>. Acesso em 12 junh 2022.

VIANNA, K. A dança. São Paulo: Summus, 2005.

VIEIRA, Alba; BECKER, Daniel. **Cadernos do GIPE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade**, nº36, setembro, 2016. Salvador (BA): UFBA/PPGAC. Disponível em: <http://www.ppgac.tea.ufba.br/wp-content/uploads/GIPE-CIT-N36.pdf>. Acesso em 12 de junho de 2022>. Acesso em: 25 jun 2022.

VIEIRA, Alba; MACIEL, Igor. **Matamba**. Videodança. Disponível em: <https://youtu.be/PHK5-gvaE-Y>> . Acesso em: 25 jun 2022.

**CORPO SANCIENTIA EXPERIENCIAS**

edilene.g@estudantes.ifg.edu.br

alexandre.guimaraes@ifg.edu.br

Meu objetivo de pesquisa, no mestrado, é desenvolver um processo criativo, artístico e coletivo em Artes Visuais com a turma do 3º Ano C do Ensino Médio, do Colégio Estadual João Carneiro dos Santos, em Senador Canedo – GO, considerando a diversidade de experiências dos alunos da EJA, bem como suas relações de trabalho e de existência no mundo:

A fábrica de si permite abordar a dimensão identitária, questionar o lugar do corpo e a construção da personalidade. Mas ela também oferece a possibilidade de vislumbrar maneiras de engajar o indivíduo na coletividade e de levá-lo a se construir na relação com o outro, a partir do contexto, do ambiente. (MERGY, 2017, p. 36)



17

**INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS – IFG e UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG**  
Colóquio de Pesquisa em Artes: Corpo Design Experiências  
Escola de Belas Artes – EBA/UFMG, realizado em 21, 22 e 23 de junho de 2022  
Página do evento: <http://www.ifg.edu.br/profartes?showall=&start=2>



Construo, metaforicamente, uma relação entre a metamorfose das borboletas e o processo criativo, artístico e coletivo, valorizando o processual e não só o resultado. Proponho direcionar o problema de pesquisa ao estado contínuo de metamorfose que enfrentamos ao adquirirmos conhecimento, num constante fluxo de ideias, vivências e criação.

**INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS – IFG e UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG**  
Colóquio de Pesquisa em Artes: Corpo Design Experiências  
Escola de Belas Artes – EBA/UFMG, realizado em 21, 22 e 23 de junho de 2022  
Página do evento: <http://www.ifg.edu.br/profartes?showall=&start=2>

ampliado. Chamados de “Desafios”, esses momentos de completude ressoaram também em Pimentel (2015):

A experiência tem como propriedade a completude, que é o envolvimento total do sujeito na ação. O sujeito é capturado pelo desafio e imerge completamente na ação de investigar as possíveis respostas a ele. Em Arte, a completude se dá na imersão que acontece na atividade artística, quer seja como elaborador ou como fruidor, uma vez que a experiência em arte acontece na criação artística e na fruição da produção artística. O sujeito envolve-se ativa e criativamente, de forma a integralizar a obra de arte. (p. 92)

Relatando o Colóquio, convido-os a meditem sobre as palavras de Guimarães (2017):

Assim, desprendemo-nos, também, de outras narrativas tradicionais do investigar, a fim de permitir que nos localizemos e nos reconheçamos em nossa própria área de conhecimento, oportunizando pensar e fazer perguntas a partir dos lugares os quais criamos e nos representamos cotidianamente: nos ateliês artísticos, nas salas de aula, nos estúdios de design, bem como noutros espaços da arte e seu ensino. (p. 23)

Concluindo essa disciplina trouxe oportunidade de experienciar de forma criativa os espaços de ensino, transformando seus colaboradores em participantes ativos e autônomos.

## Referências

ARRIAGA, Imanol Aguirre. **Contenidos y enfoques metodológicos de la educación artística**. ES: Universidad Pública de Navarra, 2008.

BARBOSA, Ana Mae T. B. Educação e desenvolvimento cultural e artístico. **Educação e realidade**, n. 20(2), p. 9-17, jul./dez. 1995.

FREITAS, M.; REIS, R.; TORRES, A. A Permanência escolar na EJA: narrativas de estudantes do ensino fundamental no Sertão Alagoano. **Roteiro**, [S. l.], v. 46, p. e24963, 2021. DOI: 10.18593/r. v46.24963.

GUIMARÃES, Alexandre. **Avessos da docência em artes visuais**. 2017. 212 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.



Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8170>. Acesso em 05/07/2022

HORTA, E. P. S. **Desenho inscrito no corpo**. 2010. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/JSSS8DNH8A>. Acesso em 05/07/2022.

IRWIN, Rita L. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013, p.125-134.

MERGY, Clémence. O processo criativo como fábrica de inovação. In: D'AURIA, Caroline. **Design e escola: projetar o futuro** [et al.]. Tradução de Eloise de Vylder. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2021. p. 35-63.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. **InovirOUver**, v.11, n.1, 2015, p.88-98. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707>. Acesso em 21/08/2018

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

<sup>i</sup> **Design-Educação, Transformação e Autonomia**: Docentes: Dr. Alexandre Guimarães - IFG; Dra. Lucia Pimentel – UFMG. Disciplina ofertada em conjunto com a disciplina Tópicos Especiais em Artes IV, do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, no formato semipresencial.

<sup>ii</sup> **O Colóquio de Pesquisa em Artes**: Corpo Design Experiências é uma ação conjunta entre o Programa de Pós-Graduação em Artes da UFMG e o Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES/IFG. Com o objetivo de discutir as pesquisas em Artes dos pós-graduandos das duas instituições, o colóquio aconteceu na Escola de Belas Artes da UFMG, nos dias 21, 22 e 23 de junho de 2022.

<sup>iii</sup> **Canva** é uma plataforma de design gráfico que permite aos usuários criar gráficos de mídia social, produtos educacionais, etc. link de acesso: [https://www.canva.com/design/DAE4RBW1Bws/SYXFTbETWSSStv5KzIXOA/watch?utm\\_content=DAE4RBW1Bws&utm\\_campaign=designshare&utm\\_medium=link2&utm\\_source=sharebutton](https://www.canva.com/design/DAE4RBW1Bws/SYXFTbETWSSStv5KzIXOA/watch?utm_content=DAE4RBW1Bws&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton)

## PENSAMENTOS DO CORPO NA DANÇA: A IMPROVISAÇÃO E A COMUNICAÇÃO DO DESEJO

Giovanna Lara de Lima Sousa

Bacharel pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Aluna especial no PPG Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

gilara0699@gmail.com

**Palavras-chave:** pulsão; linguagem; dança.

Para Lacan (*apud* FERREIRA, 2022), o inconsciente é estruturado como linguagem. Nessa pesquisa, o corpo é uma forma de linguagem, assim, há associação direta entre o mesmo e o inconsciente. Problematisa-se a relação entre as pulsões inconscientes e o fluxo de pensamentos que são gerados através da produção dos movimentos na dança. Na relação não dicotômica entre corpo e psiquismo, o corpo que se movimenta na arte produz várias qualidades de movimento e pensamentos ao dançar. Buscou-se entender a pulsão no corpo e nos movimentos que ele produz, fazendo intersecção com a participação do inconsciente neste processo, relacionando, desejos e pulsões inconscientes na perspectiva do corpo como linguagem. Explorando assim, a relação entre as pulsões inconscientes, e o fluxo de pensamentos que são gerados através da produção dos movimentos na dança, e de que forma os pensamentos também alimentam os movimentos, e como isso gera um ciclo entre pensamento - movimento.

A partir de uma pesquisa exploratória, foi realizada uma experiência prática que consistiu em: escrita do estado físico e mental anterior à dança; improviso de dança; escrita automática. A experiência descrita em um diário de bordo foi realizada durante sete dias consecutivos e se fez como apoio na pesquisa dos conceitos: na dança, pensamento e movimento; e sobre o inconsciente, pulsão, linguagem e desejo.

Durante o improviso da dança, nota-se alguns acontecimentos. Tanto em relação a movimentos, como tensão, pausas ou acentuações, quanto no que diz respeito ao movimento de ideias, memórias e sensações. Esse momento possibilita uma composição

que não tem como ter regras preestabelecidas, já que o acaso é central. Os efêmeros movimentos do improviso, formam uma série de imagens corporais que já são de alguma forma conhecidas por aquele corpo/sujeito. Por algum caminho são “selecionados” aqueles, e não outros. A necessidade do inconsciente de trazer um impulso para que aquele movimento nasça, faz com que não se saiba qual é o próximo passo, ou até mesmo o que fará naquele mesmo instante, porém o inconsciente determina o que quer, e precisa. Mostrando assim, que o imprevisível não é, portanto, indeterminado. O movimento é como destino da produção do desejo, simbolizando algo a ser elaborado. Um dos pontos analisados foi o papel da repetição de movimentos na experiência, a qual gerou enorme fluxo de pensamentos e sensações. Quanto maior o tempo de repetição, maior o fluxo de pensamento. Uma vez que não estavam sendo executados por rigor técnico ou afetivo, e sim pelo desejo de repetir o movimento, revela-se que uma parte desse produto tem um lado em que se mostra a demanda.

O pensar com o corpo através da dança transforma elementos pré-verbais em imagens e elementos de referência corporal. Já que se não há pulsão sem demanda, a necessidade inconsciente que estimula a pulsão, faz com que não só explicita o desejo, mas também a demanda do mesmo. Assim, cada amostra de desejo que escapa no corpo, revela uma demanda que está para ser elaborada, uma vez que pensar com o corpo, já é por si só uma forma de elaboração.

Assim, por mais que seja imprevisível o que virá logo após ao movimento presente, o inconsciente já tem como determinado os desejos e pulsões que ele pode vir a elaborar. Na escrita automática, o sujeito se depara com a continuação da dança no papel, e também com os restos das manifestações do desejo em seu corpo. O pensamento gera um movimento psíquico, o qual se liga à imagens simbólicas, incluindo o corpo nessa relação. Revelando desejos, demandas e memórias, por uma via que se comunica através das marcas que o corpo deixa no espaço ao dançar.

## Referências

FERREIRA, N. P. Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística. **Ágora**, 5(1), Junho 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/zzfHvD4sJg4RgTVzXqMN6Hv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jan 2022.





## PROCESSOS CRIATIVOS EM SALA DE AULA A PARTIR DE ESTÍMULOS VISUAIS NÃO ARTÍSTICOS: EXPERIÊNCIAS COM ESTUDANTES DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO TIRADENTES AVELINO CAMARGOS EM CONTAGEM-MG.

Irineu Lopes Pinheiro de Almeida  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG  
e-mail: irineuartes@gmail.com

**Palavras-chave:** processo criativo; ensino de arte; estímulos não artísticos.

O Projeto de Pesquisa de mestrado faz parte do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a supervisão do Prof. Dr. Tiago de Brito Cruvinel. A proposta do trabalho tem por finalidade apresentar uma análise dos processos de criação de 30 estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Tiradentes.

Durante anos, lecionando em escolas públicas do Estado de Minas Gerais como professor de arte, percebi algumas dificuldades enfrentadas pelos estudantes em seus processos criativos. Esses bloqueios foram observados principalmente em adolescentes do Ensino Médio. Por esse motivo, a pesquisa irá utilizar alguns estímulos, que a princípio, não são artísticos, pela ausência de análise estética no campo da apreciação em arte, o que deixa transparecer aos estudantes dificuldades de vivenciá-los como obra de arte, uma vez que eles não remetem a nada que se poderia entender como sendo arte tradicional. Assim, questiona-se: Há bloqueios que interferem na condução do processo criativo de estudantes a partir de estímulos não artísticos? Se sim, quais?

Tais estímulos não artísticos são comuns na vida dos estudantes, mas apenas de forma utilitária, sendo considerado por muitos um meio de mediação para se alcançar um objetivo, como o QR Code, um código de linguagem de programação, uma placa de identificação veicular, um chip de cartão etc. Neste contexto, a apreciação e a reflexão acabam por se tornar superficial, remetendo-se ao prático e ao instantâneo.



Imagens digitais: chip de cartão, placa veicular e código de QR Code

Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa serão divididos em duas etapas: Pesquisas bibliográficas (Revisão de literatura sobre as etapas do processo criativo com adolescentes no contexto escolar); e práticas artística individuais no ambiente escolar, com questionários, debates em sala de aula e criações de trabalhos visuais a partir de estímulos não artísticos. Após a compilação dos dados, analisaremos quais foram os principais bloqueios encontrados pelos estudantes durante o processo criativo. O resultado final será apresentado para toda escola, através de uma exposição dos trabalhos e estímulos propostos. A partir da pesquisa os estudantes terão a possibilidade de conhecer e vivenciar imagens, que até então, dentro da concepção da arte tradicional e de sua experiência em sala de aula, nunca tinham apreciado como obra de arte.

Colóquio de Pesquisa em Artes: Corpo Design Experiências  
Escola de Belas Artes – EBA/UFMG, realizado em 21, 22 e 23 de junho de 2022  
Página do evento: <http://www.ufmg.edu.br/profartes?showall=&start=2>

Ao participar do “Colóquio de Pesquisa em Artes: Corpo Design Experiências” pude conhecer e dialogar com outros projetos, tive também a oportunidade de apresentar a pesquisa em andamento para o público presente, formado por professores e estudantes de mestrado e doutorado.

Através das perguntas e análises realizadas pelos participantes, no evento, pude perceber alguns fatores que ainda eram precisos dar atenção ao realizar o trabalho escrito e de campo. A primeira foi pensar em quais impactos o projeto poderia gerar em minha própria carreira profissional como professor de arte? No segundo momento foi refletir sobre quais objetos experimentais poderiam ser criados para que os indivíduos interessados, posteriormente, pudessem ter uma aproximação com os processos e os resultados da pesquisa de forma mais dinâmica e interativa? Ao tornar essas reflexões perceptíveis, percebi que devo dar mais atenção às etapas do projeto, com um olhar mais sensível e atento aos detalhes que possam surgir durante o processo da pesquisa, o que poderá tornar a experiência muito mais significativa para todos os envolvidos.

## Referências

ALENCAR, Eunice; FLEITH, Denise. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

D'AUREA, Caroline. **Design e escola: projetar o futuro**. 1ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2021.

DEWEY, J. A. **arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Martins, 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

## O ENSINO DAS ARTES VISUAIS EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA: UMA PROPOSIÇÃO DIDÁTICA NA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ MIRANDA SOBRINHO

Ivana Rocha  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
arte.ivana@gmail.com

**Palavras-chave:** ensino remoto; instalação artística; artes visuais.

Com as salas de aula fechadas, devido a pandemia causada pela covid-19<sup>1</sup>, a necessidade de novas proposições pedagógicas para um ensino remoto foi imediata. Diante de tamanha urgência, a Secretaria Municipal de Educação do município de Betim (SEMED)<sup>2</sup> precisou buscar meios para seguir com o ano letivo, nesse caso, passou a disponibilizar, aos alunos da rede, atividades remotas. Essas atividades podem ser tomadas como ponto de partida para refletir sobre os desafios que estão emergindo em relação à construção do conhecimento em Arte nesse contexto de pandemia. Diante disso, especificamente, há que se pensar se as atividades criadas no contexto emergencial oferecerão, de fato, fruição e experiências artísticas aos estudantes.

O objetivo desta pesquisa é realizar uma proposta didática em artes visuais com uma construção baseada na Instalação Artística em Arte Contemporânea. Para alcançar esse objetivo, pretende-se apresentar uma investigação a partir de uma observação participante, com um olhar voltado essencialmente aos estudantes. De acordo com Creswell (2014) a pesquisa qualitativa envolve a natureza interpretativa da investigação, situando o estudo dentro do contexto e da reflexão do pesquisador sobre os relatos apresentados. Assim, espera-se que seja possível conhecer os estudantes, seus contextos familiares, suas formas de viver, seus modos de ser e estar no mundo.

Esta pesquisa abordará uma discussão teórica sobre alguns aspectos considerados relevantes para ensino de artes visuais como: a Abordagem Triangular, a potencialidade dos imprevistos e das experiências trazidas pelos estudantes para oportunizar

<sup>1</sup>A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Até o momento, não foi definido o reservatório silvestre do SARS-CoV-2. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus> Acesso em 19 abr. 2021.

<sup>2</sup>Disponível em <https://sites.google.com/semmed.betim.mg.gov.br/estudabetim> Acesso em 05 jul. 2020.



Tem-se a expectativa que as experiências em Instalação Artística, construídas nos espaços dos lares durante o ERE, agreguem na compreensão dos conceitos e processos artísticos trabalhados durante essa vivência. Espera-se que essa compreensão

perpasse também pela família. Conforme Visioná (2021), de maneira que as pessoas que participam do processo de criação e também as que participam do processo de implementação, contribuam no percurso de construção do conhecimento em Arte, deve-se repensar a prática pedagógica a partir da coletividade dando independência e autonomia aos estudantes.

## Referências

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução, Sandra Mallmann da Rosa, revisão técnica: Dirceu da Silva. 3 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. **Ouvirouver**, Uberlândia v. 11 n. 1 p. 88-98 jan./jun. 2015.

VISIONÁ, Paula Cristina. O design participativo como metodologia de trabalho na educação formal e em práticas cotidianas. [Entrevista concedida a] Jaqueline Ferreira Holanda de Melo. **Ensinarmode**, vol. 4, n. 3, p.190 - 200, 2594-4630, out. 2020 - jan. 2021.

## MONTAGEM EXPERIMENTAL: COMO COMPARTILHAR OS PROCESSOS DE EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL DAS CRIANÇAS DO CP/UFMG?

Liana Lobo Baptista  
Centro Pedagógico - UFMG  
e-mail: lianalobo@ufmg.br

**Palavras-chave:** Audiovisual; Processo; Escuta.

No Centro Pedagógico (CP) – Escola de Educação Básica da UFMG – sou responsável pela oferta da linguagem Audiovisual nas aulas de Arte. Pesquisando a minha própria prática (Zaidan et al, 2018), deparo-me com a problemática de como compartilhar as experiências singulares e processuais de Educação Audiovisual vivenciados com as crianças do CP. Parto da ideia de que é a qualidade estética de uma experiência de pensamento que a torna integral (Dewey, 2010), sendo assim proponho a realização de algumas ‘montagens experimentais’ – em formato de vídeo – que evidenciem os processos e as falas das crianças nas aulas de Audiovisual.

Em ensino remoto no ano de 2021, as experiências coletivas vivenciados por uma turma de crianças de 7 a 8 anos foram registradas, resultando em onze aulas gravadas e portfólios digitais de suas criações. O processo prevê ver e rever as gravações das aulas, buscando identificar momentos de sensibilização em aula – sensibilização ao outro, sensibilização para o mundo comum, sensibilização para o saber (Mergy, 2021) – sensibilizações que se repetem, que tensionam, ou nas quais os alunos mais se expressam e experimentam. Me interessa a perspectiva da sala de aula como uma situação social, onde há influência recíproca uns nos outros (Cajal, 2001), já que as sensibilizações em aula ocorrem a partir dos encontros e interações entre professora-pesquisadora (eu) e aquelas crianças educandas.

Nas interações e nos processos de criação, as crianças desejam, inventam e tensionam diferentes formas de Educação Audiovisual na escola. É central a esta pesquisa a atenção e a escuta ao que as crianças expressam. Como propõe Larrosa, um encontro com as infâncias que não seja nem de apropriação nem de re-conhecimento do que já se sabe, e sim a experiência de “colocar-nos à escuta da verdade que aquele que nasce traz consigo” (Larrosa, 1998).

Junto à autora Ursula K. Le Guin (1986), reflito que as narrativas que permeiam nosso imaginário estruturam-se como uma flecha – que começa aqui e vai direto pra lá para



atingir um alvo. Essa é a narrativa do Herói e suas armas para bater, perfurar e matar. Aquele indivíduo que se lança em aventuras importantes para conquistar terras, mulheres e glória. Le Guin chama esta de A História da Ascensão do Homem. A história que não queremos mais fazer parte. Qual é então a história que não é a do Herói? Qual é o processo que não é o de conquista de territórios?



Figura: Frame da animação de recortes feita por Miguel para o filme 'As Amizades' (2ºA, 2021). O Robô Guardiã das Montanhas pergunta se o Guardiã do Rio quer ser seu amigo.

Essa outra história parece ser mais fácil de ser inventada pelas crianças de 7 anos do CP no encontro com os processos audiovisuais. Criam primeiramente pelo próprio gosto no ato de desenhar, escutar, olhar, manusear, experimentar – sem preocupar-se com os conflitos que as histórias devem conter, ou com a resolução que os processos precisam chegar. Criam também para poder compartilhar. Questionar uns aos outros e perceber possibilidades. Essas crianças parecem querer, em especial, estar juntas, ver juntas, entender juntas, criar juntas. Revisitando as aulas gravadas, identifico o processo de realização audiovisual em autoria coletiva como um dos maiores sensibilizadores. Na partilha das decisões e criações, as falas e envolvimento das crianças sugerem autonomia, expressão e coletividade.

A primeira montagem experimental (LOBO, 2022) debruça-se exatamente sobre a temática do ‘criar junto’, cartografando o processo de criação do filme ‘As Amizades’, feito



coletivamente pelas crianças do 2ºA em 2021, e encontra-se disponível no Youtube. Experimentar construir um pensamento a partir da montagem das aulas gravadas tem sido uma forma de revisitar, escutar e compartilhar os processos e invenções das crianças do CP, buscando uma abordagem criativa de investigação, decupagem e sistematização das experiências de Educação Audiovisual que foram significativas para mim e para estas crianças.

## ESCRITURAS DO ESPAÇO: O CORPO NA IMAGEM FOTOGRÁFICA — DISPOSITIVOS PARA PRESENÇA E ERRÂNCIA

Maíra Henrique Santos de Oliveira  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG  
e-mail: mairahso@gmail.com

**Palavras-chave:** fotografia; experiência; corpo.

Essa pesquisa tem o objetivo de investigar as relações entre a imagem fotográfica, o corpo e suas possibilidades de experimentações pelo estudo de metodologias onde se põe em prática a presença e a errância. A pergunta que motivou o início dessa pesquisa veio através de Delory-Momberger, referencial neste trabalho, quando ela propõe a reflexão: “sobre a maneira pela qual o espaço nos constitui e pela qual nos construímos, biograficamente, no e com o espaço, é perguntar-se sobre a maneira pela qual praticamos e experimentamos o espaço.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.69-70). Para discutir sobre essa hipótese utilizo primeiramente a pesquisa bibliográfica e documental, na qual busco levantar pontos importantes como autobiografia, performance, fotoperformance e a própria construção da imagem através de autores como Ana Berstein, Phillepe Dubois, Luciano Vinhosa e Rosalind Krauss; nos estudos da presença e errância me apoio em referências como André Lepecki, Gonçalo Tavares, Fayga Ostrower e Paola Berenstein. Ao mesmo tempo, através da pesquisa empírica, faço experimentações a partir do meu próprio trabalho, o que podemos chamar de prática como pesquisa, associado aos estudos bibliográficos e trabalhos de outras artistas que vou ao encontro.

Delory-Momberger (2012) define o corpo como “lugar-fundamento do habitar”. Essa ideia se aproxima de uma noção corpo-espaco como uma experiência de si e também de existência no mundo. Nessa pesquisa estou investigando principalmente os processos de construção da imagem fotográfica a partir do trabalho de Francesca Woodman, Trisha Brown e Lygia Clark, além do meu próprio trabalho, que partem de hibridismo de linguagens. Esses processos remetem a uma *prática como pesquisa*, na qual busco mais diretamente entender a ideia de *errância*<sup>1</sup> dentro dessa perspectiva.

<sup>1</sup> Ideia de “Errância como trabalho” discutida na obra “Errância como trabalho: sete notas dispersas sobre dramaturgia da dança” (LEPECKI, 2016).

Em algumas discussões do Colóquio falamos sobre a ideia de *centralidade*, *esvaziamento* e *conexão* na somática. Para a construção de corpos poéticos<sup>4</sup> e de presença num espaço-tempo, a educação somática é uma possibilidade no qual apreendo “o fazer-conhecer construído na experiência vivida, pela perspectiva da primeira pessoa” (SOUZA, 2020, p. 24). Nesse ponto voltei novamente a pesquisa para a perspectiva do próprio corpo,

<sup>4</sup> Termo utilizado na Tese “A Preparação Poética na Dança Contemporânea”, de Adriano Jabur Bittar (BITTAR, 2015, p. 55).

por uma busca sensorial, cognitiva e afetiva, para estimular processos de aprendizado do movimento e de possíveis danças para produção de imagens. Através do dispositivo fotográfico, identificar potências e diálogos que ele pode vir a estabelecer com essa exploração do corpo, do espaço e do movimento.

\*

## Referências

BITTAR, Adriano Jabur. **A Preparação Poética na Dança Contemporânea: o Toque Poético, as Imagens das Células Corporais e dos Rabiscos nos Processos de Composição de MADAM do NEKA e de Por 7 Vezes da Quasar**. Brasília: Universidade de Brasília/Instituto de Artes, 2015. Tese (Doutorado em Artes)

BERNSTEIN, Ana. **A performance solo e o sujeito autobiográfico**. São Paulo: 2001. V. 1, p. 91-103. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57010>. Acesso em: 10, jun, 2022.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica: Ensaio sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Tradução de Carlos Galvão Braga, Maria da Conceição Passeggi e Nelson Patriota. Natal: EDUFRRN, 2012.

DIAS, Aline. **O Trabalho com(o) fracasso**. Florianópolis: Corpo, 2012.

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG. **Mundos Indígenas**. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2019. (catálogo)

KRAUSS, Rosalind. **O fotográfico**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2010.

LEPECKI, André. **Errância como trabalho: sete notas dispersas sobre dramaturgia da dança**. In: CALDAS, Paulo; GADELHA, Ernesto. **Dança e dramaturgia[s]**. São Paulo: Nexus, 2016.

MESQUITA, André. *et al.* **Trisha Brown: Coreografar A Vida**. São Paulo: MASP, 2020.

MANCINI, Maíra. **Narrativas de Si: corpo e desenho expandido no espaço doméstico em isolamento**. Belo Horizonte: 2021. Disponível em: <https://issuu.com/mairaoliveira3/docs/narrativasdesi>. Acesso em 01, fev, 2022.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. **Breves notas sobre o corpo: 96 um diálogo com Gonçalo M. Tavares e Os Espacialistas**. Porto Alegre: 2017. V. 4, n. 1, p. 96-107. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte> Acesso em: 10, jun, 2022.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013

PIZARRO, Diego. **Anatomia corpoética em (de)composições: três corpus de práxis somática em dança**. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Escola de Teatro, 2020. Tese (Doutorado em Artes Cênicas).



SOUZA, Beatriz Adeodato Alves de. **Dança como forma material de pensamento: tessituras entre fazer e saber**. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Escola de Teatro, 2020. Tese (Doutorado em Artes Cênicas).

## COLETIVO CULTURAL: A VIVÊNCIA COLABORATIVA NAS ARTES CÊNICAS

Maria Helena Cunha  
PPG Artes/UFMG  
lenacunha@inspirebr.com.br

**Palavras-chave:** Teatro; processo colaborativo; gestão cultural.

Este trabalho refere-se à pesquisa de doutorado, em fase inicial, na linha de artes da cena, no PPG-Artes/UFMG, sob a orientação de Fernando Mencarelli<sup>1</sup>. Tem como tema a problematização sobre a vivência colaborativa nas artes cênicas e objetiva investigar os processos colaborativos que transcendem as experiências criativas e alcançam os processos organizacionais dos grupos, buscando os elementos do campo da gestão cultural que subsidiam o modo de fazer coletivo.

As reflexões de Trotta nos fornecem elementos de análise sobre a vivência coletiva, ao ponderar que “no grupo, a profissionalização e o fazer teatral dizem respeito às formas produtivas e organizativas – a criação incide também e antes de mais nada, sobre todo o processo”, é quando se constrói a personalidade coletiva, ou seja: “Só há grupo quando o objetivo de cada integrante é o de formar e expressar a personalidade e a profissionalização do coletivo – e não a sua própria, [...]”. (TROTTA, 1995, p.22)

Vários elementos identificam os processos organizacionais colaborativos, em especial, a capacidade de atuar de forma horizontal. No teatro, o processo de criação colaborativo, segundo Araújo, pressupõe “a participação criativa coletivizada de todos os envolvidos no trabalho” e esse processo “se constitui num modo de criação em que cada um dos integrantes, a partir de suas funções artísticas específicas, tem espaço garantido” (ARAÚJO, 2008, p.11), o que significa um trabalho não hierarquizado e de autoria compartilhada. Nas palavras do dramaturgo José Alberto Abreu, o processo colaborativo “é um processo de criação que busca a horizontalidade nas relações entre os criadores do espetáculo teatral”. (ABREU, 2004, p. 01)

Na perspectiva dos processos formativos colaborativos há uma busca de soluções comuns e participativas, para tanto, deve-se desvencilhar de uma educação individualista e nos colocarmos diante de valores cooperativos, de autogestão e no uso de ferramentas

<sup>1</sup> Prof. Dr. da Escola de Belas Artes/UFMG e Pró-reitor de Cultura da UFMG.

com esta finalidade (ANTÓN, 2012). Considera-se como hipótese que um dos fatores que geram a dificuldade de acessarmos os processos colaborativos enquanto um formato de atuação profissional, vem da nossa própria escola, ou seja, “a ideia de uma ajuda mútua de uma partilha ou de uma troca horizontal de saberes é por assim dizer, estranha à escola que herdamos.” (MERGY, 2021, p.38) As trocas horizontais são mais eficazes e têm capacidade de mobilização dos recursos individuais e valorização do coletivo. Outros autores corroboram com essa ideia e apontam alguns fatores socioculturais que dificultam a concretização de trabalhos colaborativos:

[...] educação competitiva, excesso de cordialidade, paternalismo, individualismo, autoritarismo, dificuldade de lidar com a diferença. Todas estas categorias comportamentais, se não impedem, podem levar uma pessoa ou grupo a não vivenciar o trabalho colaborativo em toda sua potencialidade. (JARDIM, MOREIRA e ZIVIANI, 2010, p. 05)

O compartilhamento horizontal de saberes ainda está muito distante de grande parte da realidade do nosso sistema básico educacional e nos perguntamos: como queremos acessar novos formatos colaborativos de organização na vida adulta e profissional se a aprendizagem básica ainda é construída sobre uma outra lógica? É possível, mas pode-se tornar uma tarefa bem mais difícil de ser acessada.

O que instigou o desenvolvimento deste estudo, entre outras vivências profissionais, foi a experiência em um processo formativo colaborativo na área de planejamento estratégico com quatorze grupos de teatro de Belo Horizonte. Estruturou-se uma metodologia de formação flexível para o acompanhamento do planejamento dos grupos participantes. Sabíamos como começar os trabalhos, mas o formato de continuidade dependeria muito do grau de envolvimento dos grupos, cada passo era estruturado de acordo com a produção anterior. O seu diferencial era ser construído de forma coletiva e participativa, experiência que se identifica de forma processual com a disciplina Design-Educação, ministrada no âmbito dos programas PPGArtes/UFMG e PROFARTES/IFG<sup>2</sup>.

A abordagem metodológica propõe o estudo comparativo de grupos teatrais criados a partir do século XXI (número ainda indefinido), tendo como um dos critérios a base territorial dos grupos, sediados em Minas Gerais e no Ceará, capital e do interior.

A pesquisa de campo recorre-se às técnicas qualitativas. Primeiro serão realizadas entrevistas semiestruturadas, entrelaçando as histórias pessoais à própria trajetória de vida

<sup>2</sup> A Disciplina foi ministrada por Lúcia Pimentel (UFMG) e Alexandre Guimarães (IFG)

do grupo, é o “trabalho de mesa” anterior à sala de ensaio como se referem no teatro. Associada à técnica de entrevistas coletivas, em uma segunda fase, será aplicada a metodologia de construção da *linha da vida* (CUNHA, 2018) que objetiva compreender as conexões e os fluxos internos e externos que geram relações colaborativas e afetivas, e em que nível essas trocas de experiências são estabelecidas e reconhecidas. É um convite simbólico para irmos para a “sala de ensaio”, uma experiência que traz a postura corporal como uma forma de linguagem. Tais metodologias de trabalho buscam a percepção para além da objetividade estrutural de formação de coletivos.

## Referências

- ABREU, Luis Alberto de. **Processo Colaborativo: Relato e Reflexões sobre uma Experiência de Criação**. Artigo publicado nos Cadernos da ELT - número 2, junho/2004. (Escola Livre de Teatro de Santo André). Disponível em: [https://www.sesipr.org.br/nucleodedramaturgia/uploadAddress/processo\\_colaborativo\\_rela\\_to\\_e\\_reflexoes\\_\[24544\].pdf](https://www.sesipr.org.br/nucleodedramaturgia/uploadAddress/processo_colaborativo_rela_to_e_reflexoes_[24544].pdf) Acesso em: 06, dez, 2022
- ANTON, Ricardo. **Guia Incompleta para colaborar IN Música para Camaleones** – El Black Album de la sostenibilidad cultural. Barcelona: Transit Projects, 2012, p.132-147 Disponível em: [www.transit.es/portfolio/musica-para-camaleones](http://www.transit.es/portfolio/musica-para-camaleones). 132-146
- ARAÚJO, Antônio. **A encenação no coletivo: desterritorializações da função do diretor no processo colaborativo**. Tese de doutorado no Departamento de Artes Cênicas/ Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), 2008.
- CARREIRA, André. **Teatro de Grupo: a busca de identidades**. IN: Revista Subtexto, nº 05, Ano V, Belo Horizonte, CPMT/Galpão Cine Horto, 2008.
- CUNHA, Maria Helena. **Planejamento estratégico de Projetos e Programas Culturais**. São Paulo: Editora SENAC, 2018.
- JARDIM, Gustavo, MOREIRA, Fayga e ZIVIANI, Paula. **Trabalho Colaborativo e em rede com a Cultura**. VI ENECULT, 25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil
- MERGY, Clémence. **O processo Criativo como Fábrica de Inovação**. IN: Design escola: projetar o futuro/ Caroline d'Auria... [et al.]; tradução de Eloise de Vylder. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2021.
- Michel, R.C; Vaz de Melo, G; Souza, N; Machado, AF. **Grupos de teatro e o trabalho em rede: uma análise da produção para a Região Metropolitana de Belo Horizonte**, mimeo, Grupo de Economia da Cultura FACE/CNPq, 2018
- MICHEL, Rodrigo Cavalcanti. **Metodologias Alternativas para tratar Economia Criativa: análise de redes sociais**. IN: LEITÃO, Cláudia e MACHADO, Ana Flávia (organizadoras). Por um Brasil Criativo: significados, desafios e perspectivas da economia criativa brasileira. Belo Horizonte: Código Editora, 2016.



- INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS – IFG e UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG**  
Colóquio de Pesquisa em Artes: Corpo Design Experiências  
Escola de Belas Artes – EBA/UFMG, realizado em 21, 22 e 23 de junho de 2022  
Página do evento: <http://www.ifg.edu.br/profartes?showall=&start=2>

## VIDEODANÇA NA AMÉRICA LATINA: MULHERES EM MOVIMENTO

Maryah dos Santos Figueiredo  
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP  
e-mail: maryah.figueiredo@aluno.ufop.edu.br

**Palavras-chave:** videodança; América Latina; feminismo.

Essa pesquisa em andamento foca três artistas que consideramos figuras centrais em videodança na América Latina: Analivia Cordeiro (Brasil), Pola Weiss (México) e Silvina Szperling (Argentina). Por meio de um recorte temporal entre 1970 a 1990, compartilhamos reflexões a partir de fragmentos de obras dessas artistas e das seguintes questões: Como se manifestam suas corporeidades e poéticas? Quais relações de suas obras com as transgressões de fronteiras entre arte e tecnologia? Quais conexões há entre seus depoimentos e experiências com ideias tidas como feministas?

A travessia nessa investigação se dará através de uma análise em movimento, isto é, propondo espaços e aproximações, dispositivos para traçar reflexões, de modo que a prática possa compor a pesquisa enquanto instância fundamentalmente integrada. Nesse sentido, teoria e prática estão em diálogo permanente, por vezes criando tensões e coexistências na busca de uma poética. Minha intenção de pesquisa e criação se coloca na relação com as obras escolhidas destas artistas, pois preciso engajar meu corpo tudo o que ele me constitui para essa busca. Do íntimo ao político.

No período delimitado nessa investigação, observamos que muito se experimentou na relação vídeo e dança, tornando esse um campo fértil. Explorar a trajetória, sobretudo latinoamericana, de artistas mulheres, é necessário para outros artistas e para a área da Dança, pois revela a complexidade de questões de gênero abordadas em singularidades contextuais e situadas. Principalmente porque destacamos nesse estudo a potencialidade dos atravessamentos políticos do corpo.

Rodrigo Alonso (2002), pesquisador argentino, ressalta que a América Latina está longe de ser um espaço homogêneo, mas duas coisas, entre outras, unem todo esse espaço: a instabilidade política e as dificuldades estruturais. Essas dificuldades não se circunscrevem unicamente no campo político e econômico. No circuito artístico, a urgência da realidade social parece golpear de uma maneira especial artistas latinoamericanos, e



ALONSO, Rodrigo. Videoarte e videodança em uma (in)certa América Latina. Paulo Caldas e Leonel Brum (org.), **Dança em Foco, v.2, videodança**. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2007.

VILLACORTA, Jorge; MARIÁTEGUI, José-Carlos. **Videografías invisibles: una selección del videoarte latinoamericana**. Catálogo do ciclo audiovisual. Valladolid: Museo Patio Herreriano, 2005.



## Subprojeto Pibid Artes – Música - Educação Musical e Diversidade - Um Relato de experiência

Nelson Rodrigues Pombo Junior(1)  
Instituição de Origem - UFMG  
e-mail: nelsonpombojr@ufmg.br

**Palavras-chave:** educação musical, pibid, diversidade

Com este artigo busco relacionar o objeto de minha pesquisa, um relato de experiências sobre o Subprojeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), Artes – educação musical e diversidade, com a participação no Colóquio de Pesquisa em Artes, em que tive a oportunidade de realizar diversas trocas de saberes acadêmicos, reflexões e encontros. Neste processo foi possível perceber, através dos encontros presenciais que as minhas angústias, frustrações e realizações são parecidas que a de outros professores de arte.

O fato de ir além da participação em uma mesa, falar da minha experiência e do projeto de pesquisa, mas participar de forma ativa dos desafios, de expressão corporal e plástica foi uma experiência muito significativa. Eu compreendia um colóquio como atividade formal, estática e para mim foi libertador a forma como se deu a organização do mesmo, que contribuiu para a diminuição da ansiedade e da tensão de falar em público, em função da comunicação da pesquisa.

Neste sentido o Subprojeto possui diversidade de temas, de pessoas, que são de lugares diferentes e possuem vivências próprias, experiências que se cruzam e assim formam novas trilhas. Desta forma um novo desenho foi se formando e começando com os desafios, que nos levaram a outros lugares, como a atividade proposta pelo Professor Eugênio Horta, que culminou com a de criação de cabeças gigantes com papel. O autor relaciona que em sua atuação no contexto acadêmico tem-se “capacidade de formar e difundir conhecimento, respeitando, pontuando e estimulando a especificidade de cada área, assim como na possibilidade de relacionar, acrescentar e ampliar-se pelo diálogo com as outras áreas” Horta (2010).

Percebe-se que esta abordagem traz uma leveza ao processo, de forma que se relaciona com os objetivos do Subprojeto, objeto de pesquisa, em que no ensino da música e na educação como um todo, não precisa ser uma atividade massante, cansativa, desagradável e difícil, podendo ser tratado de forma lúdica, atraente e até divertida como destaca Schafer (1991), em seus estudos com paisagem sonora e como traz Barbosa (2011), com a proposta triangular, que contempla a “produção (fazer artístico), a leitura da obra ou imagem e a contextualização”.

<sup>1</sup> Professor do Ensino Médio pela Rede Estadual de Minas Gerais, Licenciado em Educação Artística com Habilitação em Música ESMU/UFG; Pós-graduado em Produção de material didático para Linux Educacional UFLA e Mestrando no Programa Prof-Artes/UFMG.

As experiências vivenciadas pelos estudantes são discutidas a luz de referenciais teóricos, possibilitando a todos os participantes a reflexão sobre prática, e desta forma uma aprendizagem da docência em que tanto os licenciandos como os professores assumem o protagonismo da própria formação docente (ANDRADE, 2020)

Neste sentido, o Subprojeto se propôs a levar o ensino da música com a temática da diversidade, na escola básica em um processo colaborativo e horizontal, de forma que todos os envolvidos, bolsistas e colaboradores, são levados a propor atividades e refletirem sobre estas práticas. Desta forma, com a pesquisa vamos analisar todo o processo de implantação, desde a publicação do edital até a sua finalização, focando no período de intervenções na escola. Para tanto vai ser feita uma análise do material que foi produzido ou utilizado pela equipe, como atas de reuniões, referenciais teóricos, gravações das aulas, planos de aula, sequências didáticas e os relatórios produzidos.

Será feita uma pesquisa junto aos estudantes matriculados na escola, aos quais o pesquisador atuou ou atua como docente da disciplina de Arte, junto aos bolsistas de licenciatura em música e educação musical, com os professores supervisores, a coordenadora do subprojeto e coordenação geral. Com base nestes registros serão criadas categorias de análise para verificar a efetividade ou não das ações propostas pelo subprojeto.

São diversas cabeças, com corpos e mentes e trazem características próprias que de certo modo se percebem parte de um corpo maior, que vai se entrelaçando em nestas trilhas que vão se emaranhando nesta diversidade que a cultura e a música proporcionam. Desta forma vai se buscar entender melhor o subprojeto, que é uma ação que de valorização dos futuros docentes de música que irão atuar na educação básica. Com isto busca-se uma forma de conhecer melhor a realidade desta que é uma política pública que realiza uma interface entre a Universidade, os licenciandos, professores da escola básica e alunos, em um processo de constante troca de saberes entre estes atores.

Pude perceber, não só pela forma e conteúdo dos trabalhos, mas pela possibilidade de troca de experiências pessoais, para além das atividades acadêmicas, mas uma vivências em que histórias, com caminhos diferentes, projetos distintos, que se cruzam em determinados pontos, com novas trilhas e novos caminhos a percorrer.

## Referências

### Exemplos

ANDRADE, Ana Paula & GINO, Andréa Silva. **A presença da arte no PIBID UEMG: diálogos entre arte e educação**. ISSN: 2318-8537SCIAS. Arte/Educação, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, jan./jun. 2019. Disponível em <<https://revista.uemg.br/index.php/scias/article/view/1168/pdf>>. Acesso em 28 de Julho 2020.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Ensino da arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos**. São Paulo NEaD UNESP, 2011, p 47 – 55.

SCHAFER, Murray. O ouvido pensante. São Paulo: UNESP, 1991.

## POÉTICAS, SONHOS, IMAGINAÇÕES DO/NO ESPAÇO CASA: POSSIBILIDADES EM VÍDEODANÇAS

Paula Cristine dos Santos da Silva Matthews  
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)  
paulamatthews7@gmail.com

Alba Pedreira Vieira  
Universidade Federal de Ouro Preto, Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal de Minas Gerais (UFOP/UFV/UFMG)  
albpviera3@gmail.com

**Palavras-chave:** corpo; casa; vídeodança

### 1. Distanciamento social: re-percebendo a casa

A partir de experiências e reflexões sobre criações de vídeodança em casa, no distanciamento social da pandemia provocada pela Covid-19, brotaram questionamentos e percepções da relação corpo, casa e câmera. Fundamentadas em estudos somáticos e Gaston Bachelard (2005) em seu livro “A poética do espaço”, exploramos a atmosfera espacial contida no ambiente ‘casa’: imagens, sonhos e imaginações de forma artística. Realizamos assim vídeodanças em/com a casa e discutimos singularidades dessas criações.

Para desenvolver essa investigação em andamento, a Prática como Pesquisa (HASEMAN, 2015) tem sido uma orientação, assim como é para outros pesquisadores da Dança tais como Fernandes (2015), Paulino (2020), Vieira, Bond (2021). Essa escolha foi orientada pela noção de praticar arte, observar, questionar e refletir ao longo do fazer para possibilitar descobertas poéticas corporalizadas na criação artística.

A somática fundamenta esse estudo como apontado por Fernandes (2015): a compreensão integrada do corpo humano se faz em um ambiente dinâmico, transitório e relacional que embasa a congruência entre somática, prática e pesquisa, que improvisa entre experiência, saberes e sentido.

Inicialmente, nossas criações utilizaram a casa como espaço cênico. Mas as vivências constantes corpo casa se tornaram cada vez mais fluidas e permeáveis: objetos





CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS

[illegible][illegible]

CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS  
DESIGN CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS DESIGN CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS DESIGN CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS DESIGN CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS  
EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS

CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS

CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS

CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS

CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS CORPO SVIANCIA EXPERIÊNCIAS

[illegible]

VIEIRA, Alba Pedreira, BOND, Karen. Dramaturgia do cóccix na videoperformance Ábar. **Repertório**, 1(36), 2021. Disponível: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/38207>. Acesso em: 28 abr. 2022.

## EGRESSOS DA GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM DANÇA DA UFMG: EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS DA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA EM BELO HORIZONTE E REGIÃO METROPOLITANA

Mestranda Rayane Nátale Calixto  
Universidade Federal de Minas Gerais  
e-mail: rayanecalixto@hotmail.com

Profª. Drª. Ana Cristina Carvalho Pereira  
Universidade Federal de Minas Gerais  
e-mail: anacristina.cpereira@gmail.com

**Palavras-chave:** graduação em Dança; atuação profissional; Educação Básica pública.

A presente pesquisa em andamento pretende investigar a atuação de artistas-docentes egressos do curso de Graduação em Dança-Licenciatura da UFMG, na Educação Básica pública em escolas de Belo Horizonte e Região Metropolitana, discutindo quais são as principais características desses profissionais e desse campo de trabalho, analisando as potencialidades, desafios a serem minimizados e horizontes possíveis para a atuação de especialistas de dança na educação regular.

Pretende-se ainda, apresentar e pleitear aspectos da abordagem de dança nas escolas, relacionando-a a incorporação e presença de diplomados na área em instituições de ensino formal, além de estabelecer parâmetros sobre a dança estar ou não mais perto da “cesta básica” dos currículos escolares dos estudantes do país, como um direito de acesso e não como um privilégio aos que têm condições de pagar (ALVARENGA, 2018).

Do ponto de vista dos marcos legais, a Arte consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96) como um componente curricular obrigatório em todos os níveis da escolarização básica desde 1996, sendo a Dança assuntada como linguagem desse componente apenas vinte anos depois, com a Lei 13.278/16. Essas legislações, unidas a publicação do PCN-Arte<sup>1</sup> em 1997, acrescidas de diretrizes e referenciais oficiais elaborados em consonância com a publicação da LDB de 1996, como por exemplo as DCN<sup>2</sup> dos cursos de Dança, caracterizam-se como expoentes importantes, mas não resolutivos, nos processos de legitimação do ensino de Arte e Dança nas instituições escolares (BRASIL, 1997).

<sup>1</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais (Arte) é um documento regulamentador que traz pela primeira vez a distinção das linguagens artísticas dança, teatro, música e artes visuais para o contexto da escolarização básica.

<sup>2</sup> Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos superiores em Dança, elaboradas no ano de 2004, demonstrando um andamento à valorização da Dança como componente curricular da Educação Básica.



A primeira graduação em Dança<sup>3</sup> no Brasil data de 1956, porém a expansão desses cursos superiores se dá principalmente a partir do ano de 2007, com o REUNI<sup>4</sup>, que acaba contribuindo significativamente para a ampliação do acesso ao ensino superior e para um aumento considerável no número cursos superiores em Dança no país, dentre licenciaturas e bacharelados.

No que compete ao contexto do estado de Minas Gerais, existem apenas duas universidades que ofertam cursos superiores em Dança, sendo elas UFV E UFMG<sup>5</sup>. A pesquisa em andamento, portanto, se centra nos egressos do curso de Graduação em Dança-Licenciatura da UFMG, entendendo-a como um locus de formação que pode contribuir para inserção e permanência de profissionais diplomados em Dança no campo de atuação da Educação Básica pública, e consequentemente, para a consolidação da abordagem de dança nas escolas de Belo Horizonte e Região Metropolitana.

A realidade a que artistas-docentes diplomados em Dança têm sido apresentados cotidianamente contempla empecilhos de diferentes ordens, esse contexto se inicia desde os editais para concursos públicos que ainda se estruturam a partir de uma lógicas generalistas, desconsiderando as formações de licenciaturas específicas da Arte e reforçando lógicas polivalentes para o ensino do componente, e abrangem descompassos posteriores à incorporação desse profissional na escola, como questões de estrutura física, carga horária, aspectos orçamentários, curriculares, legislativos e sociopolíticos, etc.

Completados mais de seis anos desde a Lei 13.278/16, que previa o tempo de cinco anos para a capacitação adequada de professores em número e formação o suficiente para atuação no ensino de dança e demais linguagens artísticas na Educação Básica do país (BRASIL, 2016), quais dinâmicas de fato se transformaram nesse contexto, de modo a garantir a efetivação da dança na educação regular?

Na tentativa de encontrar respostas para esse questionamento e outros tantos pertinentes à esse recorte serão realizadas entrevistas semiestruturadas (Guazi, 2021) com artistas-docentes que atendam ao critério de seleção da pesquisa, egressos da Graduação em Dança-Licenciatura da UFMG que atuam na Educação Básica pública em Belo Horizonte e Região Metropolitana, e que tenham disponibilidade para participação na pesquisa que já está em processo de submissão ao COEP (Comitê de Ética e Pesquisa). Será realizada uma análise bibliográfica, valendo-se de documentos regulamentadores da

<sup>3</sup> O primeiro curso superior de Dança no país iniciou-se na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1956.

<sup>4</sup> O REUNI caracteriza-se pelo Programa de Apoio a Planos de Estruturação e Expansão das Universidades Federais, implementado pelo Governo Federal do Brasil através do Decreto 6.096/17.

<sup>5</sup> Universidade Federal de Viçosa e Universidade Federal de Minas Gerais, respectivamente.

prática artístico-pedagógica, como PCN-ARTE, BNCC<sup>6</sup>, CRMG<sup>7</sup>, das legislações, como as LDB'S, as leis 13.278/16 e 13.415/17<sup>8</sup>, além da revisão de literatura pertinente ao contexto da Arte e da Dança na Educação Básica, como Barbosa (1989), De Souza Vieira (2015), Marques (1997, 2012), Pronsato (2012), Vilela (2010), Strazzacappa (2003, 2014), Alvarenga (2018), etc. Autores como bell hooks, Nilma Lino Gomes, Paulo Freire e Luana Tolentino também serão trazidos para compor as discussões sobre a realidade artístico-docente e as possíveis contribuições de especialistas de dança para uma educação emancipatória, diversa e sensível.

Strazzacappa (2014) ao realizar um balanço do ensino de dança desde a promulgação da LDB 9.394/96, destaca um contexto de oscilação constante tal qual um estilo de dança que se dá no ir e vir, avançando em alguns aspectos e retrocedendo em outros, em movimento constante. Entretanto, esse mover ainda que contínuo, tem se mostrado insuficiente na garantia da presença, e permanência, do diplomado de dança na Educação Básica pública e na consolidação do ensino de dança nesse espaço.

## Referências

ALVARENGA, A. L. de. A Licenciatura para Dança na Escola de Belas Artes da UFMG: Nem tudo são flores, mas já é possível construir um belo buquê. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 8, n. 16, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15597>. Acesso em: 30 nov. 2020.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil: Realidade Hoje e Expectativas Futuras. Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 170-182, 1989. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8536/10087>. Acesso em: 16 jun. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394**, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 10. jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Vol. 6 Brasília: MEC / SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso: 11. jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei Nº 13.278**, de 2 maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Brasília: Câmara de Notícias, 2016. Disponível em:

<sup>6</sup> Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

<sup>7</sup> Currículo de Referência de Minas Gerais (CRMG).

<sup>8</sup> A lei 13.415/17, é conhecida como lei da Reforma do Ensino Médio, iniciou-se a partir da Medida Provisória 746. Essa lei também alterou a LDB, trazendo alterações de carga horária e currículo, determinando direcionamentos através da Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos.



## DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO CONTINUADA NO ENSINO DA DANÇA COMO CONSTRUTORA DE CONHECIMENTO CRÍTICO, CRIATIVO E AUTÔNOMO NO ENSINO FUNDAMENTAL I DO MUNICÍPIO DE MAURILÂNDIA - GOIÁS

Rogério Pereira dos Santos  
IFG-Campus Aparecida de Goiânia  
roger.ed.fisica@hotmail.com

**Palavras-chave:** Formação continuada. Dança. Somática.

Esta pesquisa investiga de que forma a dança é lecionada por professores do Ensino Fundamental I no Município de Maurilândia, para diagnosticar e identificar as dificuldades e desafios ao se lecionar com esse conteúdo. Será construído e aplicado uma formação de professores específica, na rede Municipal de Maurilândia; a linguagem da dança será priorizada visando colaborar e discutir sobre as principais dificuldades enfrentadas pelos professores na atuação desse conteúdo. Será valorizada a dança como arte, formando alunos autônomos, criativos e críticos capazes de terem uma melhor compreensão e ação ética sobre a realidade.

Nessa formação pretendo elaborar, como produto educacional, uma Proposta Pedagógica redigida em forma de Sequência Didática ou *e-book* e um dos conteúdos será a Educação somática no contexto escolar com crianças na idade do Ensino Fundamental I.

Neste texto dialogo com os referenciais temáticos visto na disciplina com a temática Educação somática. Durante a disciplina de Artes do corpo e práticas pedagógicas, do IFG, aproximei-me do campo da Educação Somática e pergunto: como ela pode contribuir no conteúdo de dança na escola?

Faz-se importante ressaltar que não pretendo copiar ou me apropriar de nenhuma técnica e sim de conceitos e com eles formular algumas aulas sobre os objetivos selecionados. Também não aplicarei Educação Somática, pois não sou qualificado, o que farei é usar técnicas diversas partindo de referenciais teóricos.

Faz-se necessário o alinhamento entre o campo da somática e a dança a fim de termos uma percepção mais qualificada. Sobre a Somática utilizaremos que Pizarro (2020) chamou de conhecimento corporalizado: o corpo é experiência vivida é fonte de pensamentos, emoções, sentimentos; não existe separação de corpo e mente e há importante relação do movimento com a aprendizagem.

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS – IFG e UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG

Colóquio de Pesquisa em Artes: Corpo Design Experiências

Escola de Belas Artes – EBA/UFMG, realizado em 21, 22 e 23 de junho de 2022

Página do evento: <http://www.ifg.edu.br/profartes?showall=&start=2>



A Educação Somática engloba um conjunto variado de conhecimentos, através disso pretendo organizar algumas técnicas com objetivo de que o aluno tenha consciência corporal de forma cognitiva, sensorial e motora, ou seja integral, partindo da premissa de que “nenhum ser humano é igual ao outro e de que essas diferenças deveriam ser respeitadas e mantidas” como cita Strazzacapa (2009, p. 49).

Planejo que as aulas tenham parte individual e coletiva (em dupla ou grupo), que sejam dinâmicas, pois as crianças têm uma inquietude natural, lúdicas e divertidas; que explorem sempre a criatividade para desenvolverem novas atividades a partir das propostas; que aticem a criticidade através de pensamentos sobre a atuação do seu corpo e da sua atuação no mundo; e a autonomia para construir sua moral a partir de valores éticos.

Devemos preparar o aluno para consumir a dança, sabendo analisá-la reflexivamente, isso demanda um conhecimento sobre a história da arte e suas mudanças ao longo do tempo. Os contatos com conhecimentos culturais diversos possibilita a empatia que forma sujeitos mais tolerantes, quando entendemos a cultura do outro somos capazes de valorizá-la. Uma das formas de transformação dessa realidade é o investimento na formação continuada de professores para compreender e aperfeiçoar métodos de trabalho, mais especificamente, sobre a dança. Em concordância com Lara e Vieira (2010, p. 151) alguns conteúdos não podem faltar nas aulas de dança na escola:

Os saberes que, necessariamente, são trabalhados na prática, suscitando reflexões teóricas são: processos de sensibilização, experimentação e criação; expressão corporal; propostas somáticas; teoria musical; elementos do movimento (coreologia de Rudolf Laban); composição coreográfica e solística; dança moderna e contemporânea; danças de salão; danças populares/folclóricas; brincadeiras cantadas; outras manifestações dançantes. As avaliações são teóricas e práticas, sendo comum a organização de festival ou mostra como parte da avaliação e encerramento da disciplina.

Em concomitância com as técnicas de Klauss Vianna explicitado pelas premissas da Jussara Miller (2007) proponho aulas para “despertar do corpo”, rompendo preconceitos sobre si e corpo do outro, propondo novas vivências, explorando diferentes planos, níveis e posições corporais, causando por vezes um desequilíbrio corporal em constante aproximação com a dança. Por fim, valorizar sempre o conheci-

CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS  
DESIGN CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS DESIGN CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS DESIGN CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS DESIGN CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS  
DESIGN CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS DESIGN CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS DESIGN CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS DESIGN CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS  
CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS CORPO SVIACIAEXPERIÊNCIAS

LARA, Larissa, M.; VIEIRA, Alba. P.. **Em foco ... o corpo que dança: experiências docentes e intersubjetividades desafiadas.** In: Larissa Michelle Lara. (Org.). **Abordagens socioculturais em educação física.** Maringá: EDUEM, 2010, p. 137-182.

PIZARRO, Diego. **Anatomia Corpoética Em De(composições): Três Córpus de Práxis Somática em Dança**. 2020. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32962>. Acesso em: 12 junho 2022.

STRAZZACAPPA, Márcia Maria. Educação Somática: seus princípios e possíveis desdobramentos. **Repertório Revista Acadêmica de Teatro e Dança**, v. 2, p. 48-54, 2009. (Edição Eletrônica).

## O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA ARTE AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Rosemary Cristina Borges dos Santos Godoi  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG  
rosemarycristina1980@gmail.com

**Palavras-chave:** ensino-aprendizagem; arte afro-brasileira; educação básica.

O presente resumo constitui parte do projeto de pesquisa em andamento do Prof- Artes/UFMG, cujo tema é o processo de ensino/aprendizagem das artes afro-brasileiras na Educação Básica e a linha de pesquisa abordagem teórico-metodológica das práticas docentes.

A ausência do ensino/aprendizagem das artes afro-brasileiras e indígenas coloca a apresentação das diversas culturas em desigualdade de informação em relação a outros povos, além de induzir a ideia de que elas não existem ou que não fazem parte do conhecimento a ser construído.

A pesquisa será norteadada pelo seguinte problema: como é tratado o processo de ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira contemporaneamente, respeitando a herança cultural, evidenciando o presente de modo a contribuir com a educação para as relações étnico-raciais no ambiente escolar?

De acordo com CONDURU (2007, p.11), pode-se tomar a arte afro-brasileira como

Qualquer manifestação plástica e visual que retome, de um lado, a estética, a religiosidades africanas tradicionais e, de outro, os cenários sócios culturais do negro no Brasil. Assim é preciso pensar coisas e ações indicadas pelo cruzamento de arte e afro-brasilidade: de obras de arte à cultura material e imaterial.

A Lei 10.639 sancionada em 2003, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei 9394/1996 e incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana". Em 2008, a Lei 11.645 de 10 de março de 2008, que também altera a Lei nº 9.394/96, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabelece diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira e Indígena".

O artigo 26, parágrafo 2º da Lei 11.645/2008 destaca que os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no

âmbito de todo o currículo escolar, em especial nos componentes curriculares Arte, Literatura e História.

Segundo Barbosa (2020), as manifestações visuais de negros e negras inspiram ainda poucos estudos acadêmicos. Embora o campo de estudos sobre o negro no Brasil nos ofereça algumas referências, a produção se vincula às temáticas ligadas a escravidão, religiosidade, literatura, idioma, músicas e costumes. Entre os antigos estudos da arte afro-brasileira era comum a não identificação étnica dos artistas; os artistas negros não eram historiados, a arte de origem negra ou africana era desconhecida da história da arte.

A maioria das manifestações negras e mestiças era perseguida e criminalizada, especialmente durante o século XIX e início do século XX, quando o negro se tornou um problema para o ideal de civilização branca brasileira. (BARBOSA, 2020, p.18)

Sendo o modelo europeu uma diretriz a ser alcançada pela colônia portuguesa e pelos governos brasileiros desde o período colonial, Kinamboji (2019) destaca que o processo de exclusão dos povos negros e indígenas e suas respectivas culturas é apagado, silenciado, ignorado ainda na contemporaneidade. O que vivemos ainda em 2022 é resultado de mais de quinhentos anos de violência colonizadora a perseguir, proibir e desprezar as culturas de cunho afro-brasileiras e indígenas para impor a matriz europeia, internalizada como natural.

Nesse sentido, faz-se necessário pensar em práticas educativas que ofereçam estudos e pesquisas sobre matrizes estéticas negro-africanas, negro-brasileiras e indígenas, permitindo reunir diferentes contribuições acerca de uma temática que necessita ser investida e devolvida, como um conhecimento de relevância, a comunidades, artistas e universidade. Segundo Barbosa (2008, p.18),

A Arte capacita um homem ou uma mulher a não ser estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro em seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo.

A arte é capaz de sensibilizar para as diferenças; por isso pode possibilitar o combate à discriminação étnica e/ou cultural e responder à diversidade racial e cultural de maneira positiva e responsável.

Com isso, o objetivo geral do projeto é elaborar uma proposta pedagógica em que o ensino/aprendizagem das artes afro-brasileiras considerem tanto a herança cultural quanto a contemporaneidade. Os objetivos específicos são: identificar princípios e condições necessárias ao ensino/aprendizagem das artes afro-brasileiras no contexto escolar da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte; identificar quais são os referenciais negros



utilizados no ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira pelos professores de 2º e 3º ciclos do Ensino Fundamental; identificar ações pedagógicas que contribuem para implementação do ensino das artes afro-brasileiras; relacionar ações e práticas escolares que contribuem para a educação das relações étnico-raciais.

A pesquisa é de cunho qualitativo, em que no primeiro momento será feito levantamento de referências sobre o tema. Também será realizado questionário com professores do 2º e 3º ciclos do Ensino Fundamental e entrevista semiestruturada com professores do Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais da Rede Municipal de Educação/BH. Tanto os questionários e as entrevistas serão online. Após realização dos mesmos haverá tratamento de dados.

## Referências

ANTONACCI, Célia Maria. **Apontamentos da Arte Africana e Afro-brasileira Contemporânea: políticas e poéticas**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2021.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BARBOSA, Nelma. **Arte Afro-brasileira: identidade e artes visuais contemporâneas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

BRASIL. **Lei 10.639/2003** de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 11.645/08** de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CONDURU, Roberto. **Arte Afro-brasileira**. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

CORRÊA, Antonio Matheus do Rosário; AMORIM DOS SANTOS, Raquel. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CRIANÇAS NEGRAS NO CONTEXTO ESCOLAR. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, n. Ed. Especi, p. 693-720, jun. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/438>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 9, p. 38-47, 2002. DOI: 10.17851/2317-2096.9.38-47. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 30 mai. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais: discutindo algumas estratégias de atuação**. In: MUNANGA, Kabengele (Org.) Superando o racismo na escola. Brasília: MEC, 1999.

GOMES, Nilma Lino. **O impacto do diferente: reflexões sobre a escola e a diversidade cultural**. In: Educação em foco, Belo Horizonte, a. 4, n. 04, dez. 2000, p. 21-27.

MATTOS, Nelma Cristina Silva Barbosa de. ARTE AFRO-BRASILEIRA: CONTRAPONTO DA PRODUÇÃO VISUAL NO BRASIL. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 11, n. 27, p. 165-183, fev. 2019. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/670>>. Acesso em: 01 jul. 2021.

TATA KINAMBOJI, Arthur Leandro /. RELATOS E EXPERIÊNCIAS SOBRE NÓS, OS DE ARUANDA!. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 11, n. 27, p. 113-138, fev. 2019. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/667>>. Acesso em: 24 jun. 2021.



## SOMANDO EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DENTRO DO CONTEXTO DO BALLET CLÁSSICO

Viviane Mariano Reis  
Instituto Federal de Goiás - IFG  
e-mail: vreism@gmail.com

**Palavras-chave:** somática; educação infantil; ballet clássico.

Essa pesquisa em andamento contribui com o conhecimento artístico da dança de crianças da educação infantil ao estimulá-las a se perceberem e ampliarem seus repertórios corporais de forma consciente, lúdica e crítica. Elas trazem em seus corpos experiências de vida, sonhos, movimentos e dança. O objetivo é analisar intervenções em aulas da técnica do ballet clássico russo que acontecem na escola Caminhos Brilhantes, em Goiânia/GO, ministradas para crianças de 2 a 7 anos – cujo ensino é atravessado por princípios somáticos e da dança na educação. São nossas referências: Alba Vieira (2011), Ciane Fernandes (2002), Fernanda de Souza (2022), Isabel Marques (1999), Jussara Miller (2012), Klauss Vianna (2005), Tainá Barreto (2021) e Rudolf Laban (1978). A metodologia tem abordagem qualitativa e se orientará pela pesquisa-ação.

Para LABAN:

Dança é um meio de expressão criativa, que deveria estar presente em nosso cotidiano escolar, como qualquer disciplina, depende apenas da criatividade, disposição e interesse do professor. Não é exclusiva do “Ensino Artístico”, a dança pode servir para interdisciplinaridade, depende só do professor, de como ele utilizará da dança, pois ela é uma ferramenta poderosíssima que consegue a atenção das crianças de forma prazerosa. (2004, p. 33).

No primeiro encontro com as crianças, percebi a potência da dança como afirma Laban, principalmente considerando a diversidade corporal e suas diferentes experiências de vida. Algumas de início já quiseram demonstrar movimentos que aprenderam com amigos, parentes, ou até mesmo em redes sociais. Outras, timidamente, não demonstraram, apenas observaram. Foi pela observação da diversidade dos alunos e pelas minhas múltiplas experiências corporais e pessoais anteriores com a dança que essa pesquisa nasceu.

CORPO SAIXIENIAS EXPERIENCIAS CORPO SAIXIENIAS EXPERIENCIAS CORPO SAIXIENIAS EXPERIENCIAS CORPO SAIXIENIAS EXPERIENCIAS CORPO SAIXIENIAS EXPERIENCIAS

Precisamos promover a aproximação de crianças com a linguagem artística da dança indo além do que é anunciado e divulgado na indústria cultural, para estimular sua valorização e ampliar o conhecimento de arte e cultura no país. Nesse sentido, Alba Vieira et al. (2011, p. 11) defende o ensino da dança em instituições de educação infantil para promover a democratização de seu ensino, que muitas vezes é restrito e/ou elitizado.

Apesar desta pesquisa estar em andamento, é possível notar suas reverberações nos alunos. O conhecimento corporal e consciente que as crianças têm adquirido ao longo dos nossos encontros é percebido em seus movimentos e/ou em suas falas. A experiência estética se modifica, pois crianças que na maioria das vezes observam o movimento de colegas, já começam a criar seus próprios movimentos. Assim, as diversas formas de expressão que trabalhamos tem ampliado repertórios e possibilidades de movimentos em seus corpos.



[illegible]

**Dança e educação: 30 experiências lúdicas com**  
crianças. São Paulo: Summus, 2018.

**Dança-relando: Arte, educação e infância.** 1ª. ed- São Paulo: Summus. 2022.

BARRETO, Tainá Dias de Barreto. Que corpo está em jogo? Metodologias Brasileiras de Educação Somática na formação em Dança. **Revista Incomum**, V – 2, N.1, 2021.

FERNANDES, Ciane. **Corpo em movimento O Sistema**. Annablume, 2002.

LABAN, Rudolf: **Domínio do movimento**. 5. Ed. São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, Isabel. **Ensino de Dança hoje: textos e contextos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança?** Dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus, 2012.

VIANNA, Klauss. **A dança**. Summus Editorial, 2005.

VIEIRA, A. P., da Rocha Teixeira, G. F., Oliveira, L. T., Fialho, A. D., Bastos, F. R., & Vieira, N. C. Dança na educação infantil: desvelando a arte e a ludicidade no corpo. **Revista Conexão UEPG**, v. 7, n 2, p. 174-183, 2011.



<https://revistas.ifg.edu.br/incomum>

